

de modernidade? “Lusitânia”, dado tratar-se de revista em língua portuguesa, comum à antiga metrópole e ao Brasil, onde também se verifica um movimento de renovação cultural? Ou “Europa”, ressaltando o cosmopolitismo dos fundadores, que querem arrancar a cultura nacional ao provincianismo português? É provavelmente o próprio Pessoa quem propõe o nome *Orpheu*. A escolha do herói trágico tem muitas conotações, mais ou menos evidentes. Orfeu encarna os poderes da poesia lírica (ele amansava os animais selvagens com seu canto), a descida aos infernos do psiquismo, a ferida do amor, a busca do absoluto (o Velo de Ouro), mas talvez sobretudo a instituição dos mistérios: com base no modelo do “orfismo” grego, os fundadores da revista sublinham o caráter iniciático e fechado de seu cenáculo.

Quem são esses jovens que investem assim, em companhia de Pessoa, contra a cultura reinante, rompendo também com o movimento da “Renascença Portuguesa”, donde, todavia, tinham saído quase todos? São muito jovens, exceto Ângelo de Lima, que veio completar o grupo; Raul Leal (28 anos) é o mais velho, e António Ferro (19 anos), o mais novo: não publica nada na revista, mas é-lhe o diretor administrativo. Se nos limitarmos à lista dos colaboradores dos dois primeiros números, os únicos que foram impressos e divulgados, poderemos identificar uma dúzia de nomes de escritores (contando Pessoa como dois, já que Álvaro de Campos figura no sumário com o próprio nome), aos quais teremos de acrescentar alguns pintores: tal qual um pouco depois o surrealismo, o modernismo do *Orpheu* integra as artes plásticas. Nenhuma mulher faz parte do grupo. O único nome feminino (no sumário do nº 2) é pseudônimo de Côrtes-Rodrigues.

Parece que as decisões mais importantes são tomadas em setembro ou outubro de 1914 pelo núcleo central, formado pelos amigos de Pessoa de que falei, os quais regressam nesse momento do estrangeiro. Primeiro Sá-Carneiro, que chega de Paris. Traz como contribuição para a obra comum, além do gênio e das idéias, sempre tão prontas para jorrar como as de Pessoa, a experiência da vida intelectual e artística parisiense; admira Apollinaire, Max Jacob, Picasso, embora, ao que parece, não os tenha freqüentado, sendo como era demasiado tímido e pouco sociável para tal. Com ele veio Santa-Rita Pintor; em Paris, onde estudou graças a uma bolsa do governo português, ligou-se aos futuristas e aderiu a seu movimento, que se lhe coaduna com o temperamento exaltado. Diz ter sido encarregado por

Marinetti em pessoa de fundar um futurismo português, o que acabará por fazer dois anos depois.

Armando Côrtes-Rodrigues (1891-1971), oriundo dos Açores como a mãe de Pessoa, é sem dúvida, depois de Sá-Carneiro, o membro do grupo que lhe está mais próximo, embora entre eles não haja verdadeira familiaridade: Pessoa nunca foi familiar com ninguém. Como Côrtes-Rodrigues morava o mais do tempo na ilha de São Miguel, os dois jovens mantiveram uma correspondência que, sem ter a importância da trocada com Sá-Carneiro, não é de menosprezar. Já pudemos ver que Côrtes-Rodrigues é nessa época um dos principais confidentes do amigo mais velho, sobretudo nos momentos de crise, em que, por causa da depressão, ele chega ao ponto de não suportar ninguém. Pessoa tem bastante confiança no amigo para lhe pedir, em novembro de 1914, que lhe empreste dinheiro, e para não ficar zangado quando o outro recusa. A carta em que lhe pede ajuda é comovente. Tudo lhe corre mal por então. “Eu já não sou eu. Sou um fragmento de mim conservado num museu abandonado. [...] Por misericórdia, escreva-me [...]. Estou no meio de uma desolação infinita.” Há que dizer também que a tia Anica foi embora com o restante da família, e ele foi obrigado a sair do apartamento em que ela vivia para instalar-se, uma vez mais, num quarto mobiliado. É na mesma carta, de 19 de novembro, que ele confia a Côrtes-Rodrigues as dificuldades com que se debate para escrever o *Livro do Desassossego*; e diz estas palavras, que ficaram célebres: são “tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos”.¹ Faz questão de associar o amigo à elaboração dos sucessivos números do *Orpheu*, embora não acalente grandes ilusões acerca de seu talento literário, muito menos brilhante que o de Sá-Carneiro ou o de Almada Negreiros.

Entre os que se encontram em Lisboa no fim do verão para fundar a revista, o jovem Luís de Montalvor (1891-1947) tem papel essencial. Seu nome, pseudônimo de Luís da Silva Ramos, ficará para sempre associado ao destino da obra de Pessoa, que ele, ainda mais que Gaspar Simões ou Casais Monteiro, contribuirá para salvar do esquecimento após a morte do autor. Quando chega a Lisboa em 1914, vindo do Rio de Janeiro, onde é secretário de embaixada, já tem idéia precisa do necessário para a criação de uma revista luso-brasileira

¹OPP, II, 172.